



OSCARS
SUBMISSÃO DE MARROCOS AO ÓSCAR DE
MELHOR FILME INTERNACIONAL

82
MOSTRA INTERNAZIONALE
D'ARTE CINEMATOGRAFICA
LA BIENNALE DI VENEZIA 2025
VENICE SPOTLIGHT
PRÊMIO DO PÚBLICO

LEFFEST 2025
SELECÇÃO OFICIAL
FORA DE COMPETIÇÃO
LISBOA FILM FESTIVAL

★★★★
LIBÉRATION

★★★★
POSITIF

★★★★
PREMIÈRE

★★★★
ELLE

Calle Málaga

UM FILME DE
MARYAM TOUZANI

ESTREIA 6 AGOSTO

LEOPARDO
FILMES



Calle Málaga

UM FILME DE
MARYAM TOUZANI

2025 | Marrocos, França, Espanha, Alemanha, Bélgica | 1h56 | M/14

ESTREIA 6 AGOSTO

LEOPARDO
FILMES

Sinopse

Maria Ángeles, espanhola, 79 anos, vive sozinha em Tânger, Marrocos, e desfruta da sua rotina diária, até que a sua filha, vinda de Madrid com intenção de vender o apartamento onde María sempre viveu, vira a sua vida do avesso. Determinada a ficar, tudo faz para recuperar a sua casa e os seus bens. E, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade. A deliciosa interpretação de Carmen Maura, a sua tenacidade e o humor perspicaz, trazem-nos à memória a incandescência dos seus filmes com Pedro Almodóvar.



★★★★

“Eis um belo filme sobre resistência, determinação e a celebração da terceira idade. Saímos da sala revigorados, prontos para enfrentar a vida até ao fim.”

OLIVIER DELCROIX, *LE FIGARO*

★★★★

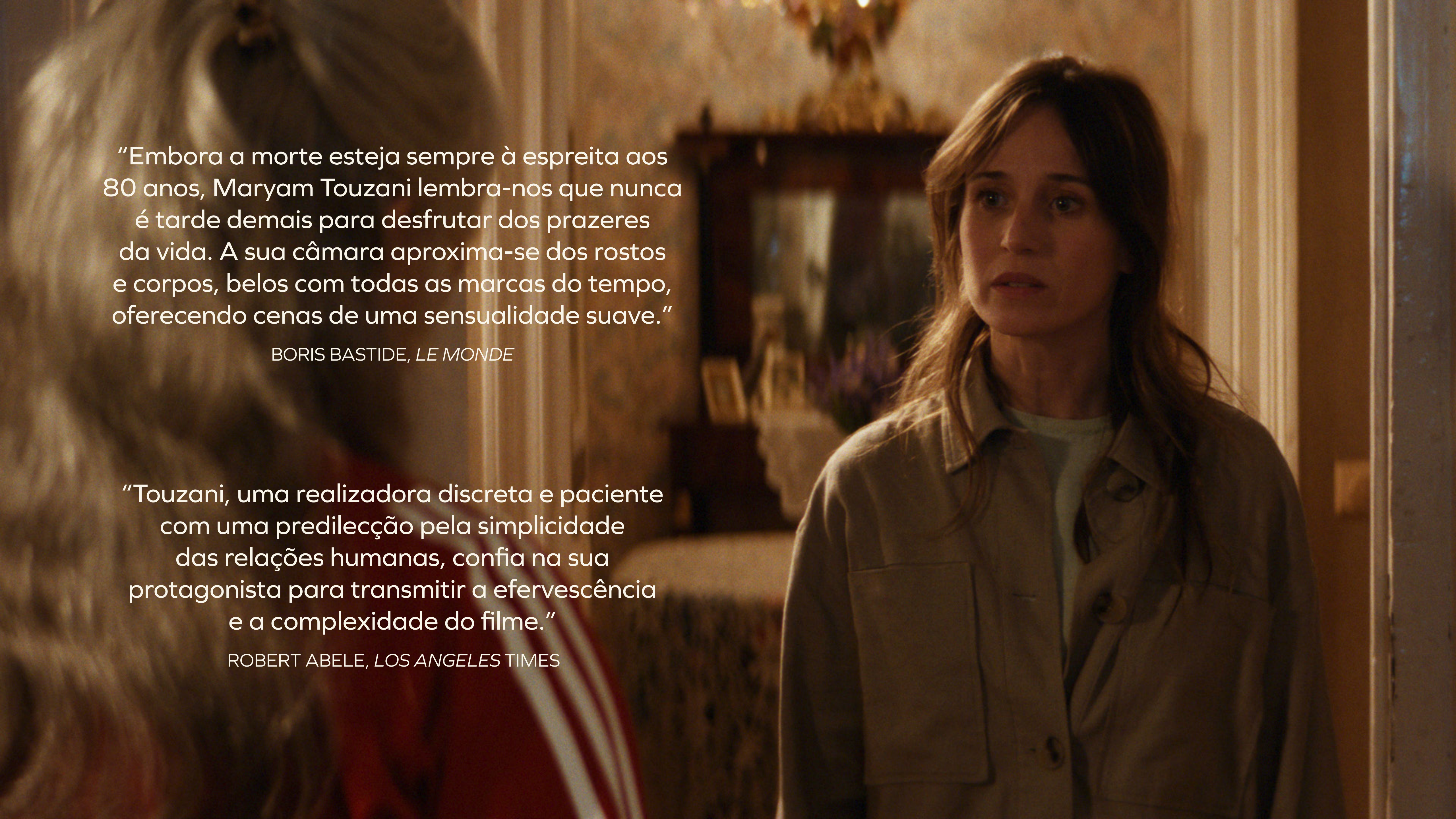
“Uma tragicomédia formidável sobre criar raízes e a força da velhice.”

HÉLÈNE MARZOLF, *TÉLÉRAMA*

★★★★

“Um filme delicado, inspirador e engraçado.”

CATHERINE BALLE, *LE PARISIEN*



“Embora a morte esteja sempre à espreita aos 80 anos, Maryam Touzani lembra-nos que nunca é tarde demais para desfrutar dos prazeres da vida. A sua câmara aproxima-se dos rostos e corpos, belos com todas as marcas do tempo, oferecendo cenas de uma sensualidade suave.”

BORIS BASTIDE, *LE MONDE*

“Touzani, uma realizadora discreta e paciente com uma predilecção pela simplicidade das relações humanas, confia na sua protagonista para transmitir a efervescência e a complexidade do filme.”

ROBERT ABELE, *LOS ANGELES TIMES*



“Um feel-good movie lúcido,
sensorial e cheio de nuances.”

LOUISE DUMAS, *POSITIF*



“Um lembrete para saborearmos os dias
que temos nos lugares e nas comunidades
que nos são queridos.”

MONICA CASTILLO, *ROGEREBERT.COM*

“Uma encantadora actuação da
incandescente Maura, cuja natureza,
humor perspicaz e espírito tenaz remetem
directamente aos seus dias de glória
com Pedro Almodóvar.”

DAVID ROONEY, *THE HOLLYWOOD REPORTER*



À conversa com Maryam Touzani

Comecemos... pelo fim, se não se importa! *Calle Málaga*, a sua terceira longa-metragem de ficção, termina com uma dedicatória muito comovente à sua avó. Quer isso dizer que este é o seu filme mais pessoal?

Sim, sem dúvida. *Calle Málaga* nasceu da dor e da ausência, pois a minha mãe morreu em Fevereiro de 2023 de forma totalmente inesperada, mesmo antes da estreia do meu último filme. O nosso vínculo visceral foi então cortado de um dia para o outro. Sem me aperceber, continuei a dialogar com ela na minha cabeça, em espanhol, pois era a língua que nos ligava no dia-a-dia. Daí o facto de o filme ser em espanhol. Precisava de ouvir essa língua, e a personagem de Maria Ángeles, muito inspirada na minha avó andaluza, Juana, impôs-se-me de forma natural e irreflectida, permitindo-me mergulhar novamente nas minhas recordações e aprender a lidar com aquilo que sentia. Precisava de continuar a sentir o cheiro dos pratos espanhóis que a minha mãe cozinhava, de reencontrar os seus gestos através da tortilha ou dos croquetes que

ela adorava preparar para mim... Sentir esses aromas no *plateau*, voltar a ouvir espanhol à minha volta, era uma forma de tratar as minhas feridas, de transformar a minha dor. Além disso, *Calle Málaga* é a primeira longa-metragem que rodo em Tânger. É, claro, a cidade onde nasci e onde passei a juventude, mas, para mim, é sobretudo a minha mãe. Cada esquina me evoca uma recordação. De certa forma, ao escolher Tânger como cenário, obriguei-me, inconscientemente, a enfrentar a sua ausência. Penso que, sem isso, não teria tido coragem para continuar a amar esta cidade que amo tão profundamente.

Como decorreu a colaboração com Nabil Ayouch a esse nível?

Nabil esteve sempre presente para mim, como um pilar. Estamos habituados a acompanhar-nos mutuamente na escrita, mas, desta vez, foi diferente. Ele sabia melhor do que ninguém até que ponto era vital para mim contar esta história, dar forma ao que sentia. Conhecia e



estimava a minha mãe e sabia até que ponto era forte o laço que nos unia. Sentir que ele estava presente, contar com a sua sensibilidade e o seu olhar sobre o argumento, e ainda mais neste filme tão íntimo e particular, foi muito precioso... Enquanto produtor, foi belo que compreendesse e me permitisse fazer o filme que eu queria.

Um processo em que se misturam as memórias da sua mãe e da sua avó e que revela uma genealogia simultaneamente muito feminina e muito espanhola...

É verdade, e foi por isso que dediquei o filme à minha avó espanhola, Juana. Esta parte da minha identidade vem dela: para mim, *Calle Málaga* é também um filme sobre a transmissão. A minha avó chegou muito nova a Marrocos, na época do protectorado espanhol, e foi em Tânger que construiu a sua vida. Casou-se duas vezes: primeiro com um espanhol, com quem teve três filhos, e depois com um marroquino, com quem teve outros três filhos, entre os quais a minha mãe, Malika. Era muito próxima dela. Quando nasci, ela já vivia em casa dos meus pais.

A rua Málaga, que dá título ao filme, pertence à realidade, à ficção ou, tal como Maria Ángeles, a um pouco de ambas?

Existiu realmente e, aliás, continua a existir. Era lá que ficava o apartamento da minha avó, onde a minha mãe cresceu. Fui até lá depois da sua morte, procurando, creio, aproximar-me de uma parte da sua vida que não tinha testemunhado. Mais tarde, cheguei mesmo a perguntar-me se não poderia ser o cenário natural do filme. Mas agora há prédios que lhe tapam a vista. Percebi que já não correspondia ao apartamento de que tanto ouvira falar na juventude... Ainda assim, fiz questão de prestar homenagem àquela rua Málaga. No local, a placa da “Calle Málaga” continua escrita em três línguas: árabe, espanhol e francês. Surge logo no início do filme e situa desde logo a narrativa. Na realidade, filmei noutra rua, a rua de Itália. É uma rua magnífica que sobe até à casbá, cheia de vida e de pequenos comércio, onde se sente intensamente o passado e o presente, a modernidade e a tradição, a mistura de culturas que sempre fez pulsar o coração de Tânger... Há nela algo de muito verdadeiro e autêntico.

Tânger, cidade-mundo, não é a outra grande heroína de *Calle Málaga*?

Diria mesmo que este filme é uma carta de amor a Tânger. É definitivamente uma cidade à parte. Uma cidade internacional que, em tempos, viu chegar pessoas do mundo inteiro que fugiam da rigidez de certos países... Uma cidade de liberdade e de criação. Muitos artistas misturaram-se assim com a população local. Era também um ninho de espiões, antes, durante e mesmo depois da Segunda Guerra Mundial... Não conheci tudo isso, claro, mas a marca dessa cidade perdura, misturando-se com o imaginário. Além disso, a cidade fica situada a apenas 14 km de Espanha. Os tangerinos de origem, sobretudo os das gerações mais antigas, falam todos espanhol. Talvez as coisas tenham mudado um pouco com a industrialização da cidade, o êxodo para Tânger a partir de outras cidades e zonas rurais, ou mesmo com a chegada da antena parabólica, que permitiu às pessoas ver outra coisa além da televisão espanhola. Seja como for, a maioria dos jovens tangerinos de hoje continua a falar espanhol com maior facilidade do que francês, por exemplo...



Para além do seu cenário, o seu filme é um hino à tolerância a todos os níveis. Assim, ao escolher como heroína uma mulher de quase 80 anos e ao filmá-la de muito perto, aborda um dos grandes tabus das nossas sociedades actuais: o da velhice...

Quis mostrar uma outra velhice. Uma velhice que também pode transbordar de vida e escapar aos constrangimentos que tantas vezes lhe tentam impor. Através de Maria Ángeles, quis questionar o olhar da sociedade sobre o envelhecimento, as expectativas e as ideias feitas que dele decorrem, bem como os moldes em que tantas vezes se procura encerrar as pessoas de uma certa idade. E quis que Maria Ángeles quebrasse essas barreiras. Com efeito, interroguei-me muitas vezes sobre o desfasamento que pode existir entre o nosso eu profundo, cuja centelha não se apaga necessariamente com a idade, e o nosso corpo que envelhece. Como conciliar os dois quando a sociedade nos devolve tantas vezes uma imagem que não corresponde àquilo que somos? Penso que a velhice é bela. E que envelhecer é um luxo, uma oportunidade: cada ruga que se aprofunda no nosso rosto é uma consagração da vida que tivemos o direito de saborear, com o seu quinhão de alegrias e sofrimentos. Foi por essa razão que quis celebrar a vida através desta mulher. E celebrar a vida é também celebrar o amor. Um amor que, numa idade avançada, é demasiadas vezes visto como estando

no limiar do respeitável. Como se, uma vez chegada a velhice, já não se tivesse o direito de desejar, já não se tivesse o direito de amar, pelo menos não da mesma maneira. Como se, com a velhice, a sexualidade se tornasse algo de vicioso e doentio que era preciso sufocar. Penso que existe um verdadeiro tabu em torno da sexualidade das pessoas idosas. Isso choca-me e entristece-me. No meu filme, Maria Ángeles redescobre a sua sexualidade numa idade avançada e desfruta dela. Esta redescoberta é tão bela quanto natural.

Não só coloca em primeiro plano personagens muitas vezes invisibilizadas, como também as associa ao prazer, à beleza, à vida...?

Quis sublimar a velhice, isto é, não só mostrá-la, mas torná-la bela. Até porque estes corpos envelhecidos são, de facto, pouco mostrados no cinema, em particular os das mulheres. Ora, penso que é importante que personagens como ela existam no ecrã. Sim, é importante que nos confrontem com questões que nem sempre procuramos enfrentar, que nos convidem a adoptar um olhar mais matizado onde, por vezes, permanecemos numa simplicidade que nos restringe e limita a nossa capacidade de ver verdadeiramente o outro. Este olhar

formatado e depreciativo sobre a velhice elimina toda a diversidade. No entanto, duas pessoas da mesma idade podem envelhecer de forma diferente. Devemos poder ser livres de envelhecer como desejamos e como podemos. Quis, por isso, aproximar-me cada vez mais de Maria Ángeles, à medida que o filme avançava. Tratava-se de encontrar a distância certa, com Virginie Surdej, a directora de fotografia, para dar vida às peles, às rugas e às marcas da vida nos corpos e nos rostos, preservando ao mesmo tempo a veracidade e a naturalidade, sem nunca ser intrusiva.

Outro estereótipo desconstruído em *Calle Málaga* é o da maternidade: Maria é uma mãe dedicada e carinhosa para com a filha, mas nem por isso se sacrifica. Chega mesmo a contrariar aquilo que a sociedade espera dela, sem remorsos nem culpa...

Esta ideia da mãe sacrificada, segundo a qual a vida dos pais seria dedicada aos filhos, está profundamente enraizada na cultura. Aliás, Maria Ángeles não é, à partida, uma rebelde, ainda que seja uma mulher de carácter. No início, aceita vender o apartamento contra a sua vontade, por amor, pois sente-se obrigada a ajudar a filha Clara, que, no entanto, já tem

45 anos. E Clara considera isso normal, como se a vida da mãe já tivesse ficado para trás, ainda que tome essa decisão com sofrimento. Na verdade, já não conhece verdadeiramente a mãe nem a sua realidade, absorvida pelo quotidiano e pelos próprios problemas. Mas, ao perder aquilo que lhe é mais querido e ao tentar conformar-se, Maria Ángeles toma consciência de que ainda está viva. E é então que começa o seu caminho de reconquista. É uma espécie de renascimento... Para mim, a vida é um renascimento constante. Enquanto tivermos um coração que bate e que sente, podemos renascer constantemente para a vida.

Um renascimento que passa também pelos lugares que pontuam a sua narrativa? Estruturam o percurso da sua heroína e são visualmente muito marcantes. Começamos pelo apartamento, repleto de objectos e, ainda assim, muito vivo...

Maria Ángeles sente uma ligação visceral à sua casa. Ela faz parte integrante da sua identidade e é uma personagem de pleno direito da história. Este lugar, estas paredes testemunharam a sua vida, tal como os objectos que o compõem e que estão repletos de significado e de recordações. Objectos de toda

uma vida... Como uma âncora, uma memória, um símbolo através dos quais Maria se define. Estes objectos, como a cadeira de baloiço ou o gira-discos, são-lhe essenciais. Assim, quando o apartamento é posto à venda e a filha revende estes móveis e estes objectos a um negociante de velharias, ela sente-se amputada. Recuperar estes objectos faz parte do processo de retomar a sua vida, de se reconstruir.

A questão do vínculo não é, no fundo, a questão central do filme?

Está, de facto, no cerne do filme. Cresci a ver amigas da minha avó, que faziam parte daquela grande comunidade espanhola, tentar resistir na velhice, aguentar-se quando podiam, muitas vezes perante a incompreensão dos filhos, que partiam para se instalar em Espanha e queriam levá-las consigo. Filhos que não pareciam compreender a força desse vínculo inquebrável... Vi homens e mulheres dispostos a tudo para viver o resto dos seus dias na terra onde se sentiam enraizados. Esta ligação visceral sempre me tocou profundamente. Senti necessidade de explorar este sentimento de pertença tão poderoso e tão belo, e a personagem de Maria-Ángeles cristalizou-o. É um vínculo profundo, enriquecido por todas as



suas misturas. É uma ligação que não se define por uma única coisa. Maria Ángeles continua a ser espanhola, sendo ao mesmo tempo marroquina. Para Clara, o vínculo é diferente...

Há também essa ligação ao corpo... Fale-nos dessas cenas sensuais, que filma com delicadeza, mas sem falso pudor. Nelas surge uma nova Maria, transformada, mais confiante...

Sim, é uma mulher que redescobre precisamente a ligação ao seu corpo, à sua sexualidade e ao prazer. Vai viver fisicamente coisas que nunca tinha vivido antes. Vai ter prazer, tomar consciência da sua capacidade de o sentir... É ainda mais livre do que tinha sido anteriormente na sua relação consigo própria e com o seu corpo. Decide deixar Abslam entrar na sua vida, toma a iniciativa, despe-o, despe-se física e emocionalmente nessas cenas. Para mim, escolhe a verdade, pois já não vive de aparências, já não tem tempo. Não tem medo de se mostrar na “beleza” da sua velhice. A sua velhice é uma força.

Será por acaso que o vermelho é precisamente a cor dominante do seu filme, tanto nos figurinos como nos cenários?

Quando escrevo, tudo é sempre muito visual. E, neste caso, o vermelho atravessou a escrita, em filigrana, desde o início, sem que eu soubesse porquê. Penso que se deve à sua força. O vermelho é a cor do sangue: violenta, mas bela e forte. Sempre imaginei algo de muito colorido, muito florido, muito vivo para Maria Ángeles, mas havia sempre aquele toque de vermelho que regressava, num momento ou noutro. É uma mulher vibrante, uma personagem cheia de cor desde o início. Devo dizer também que a minha mãe gostava muito de flores, de gerânios vermelhos, de rosas... Nada é por acaso quando se escreve. Dito isto, sempre estive muito envolvida no trabalho dos figurinos e dos cenários dos meus filmes. É essencial para mim e dá-me muito prazer. Voltando ao vermelho, o acaso quis que Carmen Maura gostasse dessa cor. Pôde até usar um dos seus próprios casacos no filme.

Carmen Maura, precisamente, sustenta o filme do princípio ao fim! É de uma tal justeza, e também de uma tal coragem no papel de Maria Ángeles, que temos a impressão de que este papel foi escrito para ela...

O papel não foi escrito para ela, mas apaixonou-se literalmente pela personagem

quando leu o argumento. Foi um verdadeiro amor à primeira vista, confessou-me. Penso que Maria Ángeles é bastante próxima dela: têm a mesma alegria de viver, a mesma vitalidade, a mesma força. No entanto, não é fácil deixar-se filmar tão de perto e aceitar ver-se – e ser vista – com as marcas da vida. Mas os meus argumentos são muito escritos e muito visuais: não teve surpresas. Ainda assim, foi a primeira vez que se expôs fisicamente por completo diante de uma câmara. Falámos muito sobre isso antes, sobre o sentido que eu atribuía àquela cena, sobre a forma como queria filmá-la... Ela compreendeu que eu não filmava aqueles corpos nus apenas para os mostrar, mas que havia um verdadeiro desejo de verdade, uma verdade que eu queria sublimar e celebrar. Com efeito, despir-se perto dos 80 anos, escolhendo mostrar o corpo envelhecido sem o esconder, é muito mais do que tirar a roupa... E foi, sem dúvida, esse lado reivindicativo que lhe permitiu ir até ao fim, pois Carmen é uma mulher de carácter. Acho isso muito belo e muito corajoso da parte dela.

Explique-nos, para terminar, a escolha desta canção – *Toda una Vida* – que Maria Ángeles/ Carmen cantarola e que se repete ao longo do seu filme...

Descobri esta canção graças à minha avó. Maria Dolores Pradera, a sua intérprete, era uma grande senhora da canção espanhola, uma “mestra”. Quando descobri esta artista, em pequena, ela já era idosa. Era uma mulher de carisma inegável, de força tranquila, de voz profunda e poderosa. Marcou-me. Ouvi esta canção em diferentes momentos da minha vida. Depois, enquanto escrevia o argumento, não sei porquê, a letra voltou a ressoar em mim, como uma recordação distante. Senti necessidade de voltar a ouvi-la, ao fim de pelo menos 25 anos. E, quase sem me aperceber, ficou na minha cabeça, encontrando naturalmente o seu lugar na história. Sem dúvida porque a letra está muito próxima do filme e de Maria Ángeles: *“Toda una Vida”*, toda uma vida, é aquilo a que Maria Ángeles tem de renunciar... Ao mesmo tempo, a canção fala de um amor incondicional que também se vive no desespero e na dor. Para mim, esta letra conta o amor de Maria Ángeles pela sua casa, pela sua cidade, mas também a sua relação complexa com a filha. Toda uma vida.



Biografia da realizadora



Maryam Touzani nasceu em 1980 em Tânger, Marrocos. Em 2003, depois de obter um Mestrado em Comunicação Social e Jornalismo em Londres, inicia a sua carreira como jornalista, focando-se na área do cinema. Ao longo dos anos seguintes, Touzani trabalha como argumentista, ao mesmo tempo que realiza curtas-metragens. Em 2011, assina a curta-metragem *Quand ils dorment*, que lhe valeu vários prémios, incluindo o Prémio Especial do Júri no Festival Internacional de Cinema de Huesca. Em 2014, realiza a sua primeira longa-metragem, o documentário *Sous ma Peau vieille*. O filme, que aborda a prostituição em Marrocos, tornou-se muito popular no país. Em 2015, Touzani realiza *Aya va à la plage*, curta-metragem sobre a exploração de crianças como empregadas domésticas. Em 2019, realiza a sua primeira longa-metragem, *Adam*, que tem estreia mundial no Festival de Cannes na secção Un Certain Regard. O filme foi seleccionado para vários festivais internacionais, incluindo o Festival de Toronto. Foi também escolhido como candidato de Marrocos para a categoria de Melhor Filme Internacional na 92.ª

cerimónia dos Óscares. No mesmo ano, Touzani é convidada para ser membro da Academia. Em 2022, a sua segunda longa-metragem, *O Azul do Cafetã*, é seleccionada para o Festival de Cannes, de novo na secção Un Certain Regard. O filme é galardoado com o Prémio FIPRESCI. *O Azul do Cafetã* marcou presença em diversos festivais, como por exemplo no Festival de Marraquexe, onde recebeu o Prémio do Júri, no Festival de Toronto e no LEFFEST Lisboa Film Festival. Foi o candidato marroquino na categoria de Melhor Filme Internacional na 95.ª cerimónia dos Óscares. Em 2025, Touzani realiza *Calle Málaga*, que se estreia na secção Venice Spotlight do Festival de Veneza, onde recebe o Prémio do Público. O filme integrou a selecção oficial do Festival de Toronto, na secção *Special Presentations*, e do LEFFEST Lisboa Film Festival, onde foi exibido fora de competição. *Calle Málaga* foi seleccionado como candidato marroquino ao Óscar de Melhor Filme Internacional, fazendo, assim, com que as três primeiras longas de Touzani tenham sido todas representantes de Marrocos no palco internacional dos Óscares da Academia.

A close-up shot of an elderly woman with short, wavy white hair, looking slightly to her right with a gentle smile. She is wearing a light blue or white lace cardigan over a yellow top. To her right, the profile of an elderly man with a full white beard and a flat cap is visible. He is wearing a dark red jacket. The background is a blurred crowd of people in an outdoor setting, possibly a market or festival, with warm, golden-hour lighting.

Elenco

CARMEN MAURA

MARTA ETURA

AHMED BOULANE

MARÍA ALFONSA ROSSO

Argumento

MARYAM TOUZANI, NABIL AYOUC

Direcção de Fotografia

VIRGINIE SURDEJ

Montagem

TERESA FONT

Música

FREYA ARDE

Produção

NABIL AYOUC

AMINE BENJELLOUN

JEAN-REMI DUCOURTIOUX

FRED BURLE

SIMÓN DE SANTIAGO

SEBASTIAN SCHELENZ

Distribuição

LEOPARDO FILMES

CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes
Manuela Mina
manuelam@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes
Nuno Gaio Silva
press@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 810

Leopardo Filmes
Travessa das Pedras Negras 1
5º andar
1100-404
Lisboa Portugal

